



LIMPAR, SENTIR, VIVER, MUDAR: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE MULHERES VALADARENSES QUE EMIGRARAM PARA OS ESTADOS UNIDOS

Elton Francisco ¹

Introdução

Um dos aspectos que configuram os fluxos emigratórios contemporâneos é a formação de redes sociais que potencializam para o emigrante uma rede de relacionamento com amplas possibilidades de trocas de experiências, de informações, relações econômicas, culturais e simbólicas, cuja consequência é a diminuição dos custos econômicos e psicológicos encontrados na experiência emigratória desses sujeitos. No fluxo de emigração de Governador Valadares (MG) para os Estados Unidos, essas redes sociais tiveram início ao longo da década de 1960 e o seu amadurecimento possibilitou uma grande intensificação deste fluxo no final da década de 1980. Um grande número de mulheres valadarenses se apoiou nessas redes e migrou para os Estados Unidos com a intenção de “fazer a América”. Este trabalho analisa a experiência emigratória de 5 mulheres valadarenses: utilização do apoio disponibilizado pelas redes sociais, o cotidiano, o trabalho, as relações familiares, os desejos e expectativas, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. O trabalho é embasado nas memórias e experiências dessas mulheres e a construção das narrativas orais foi possível a partir da realização de trabalho de campo em Governador Valadares em maio de 2007 e janeiro de 2010.

As Mulheres Também “Fazem A América”

Durante a década de 1940 muitos americanos estiveram em Governador Valadares para a reforma da estrada de ferro Vitória-Minas necessária para o escoamento da produção de ferro da região e trabalhando no beneficiamento da mica, material utilizado na indústria bélica. Relatos demonstram como a presença americana foi sentida na cidade.

Tudo melhorou, visitavam as casas ensinando as mães a cuidar das crianças e todos tinham tratamento de saúde [...] davam remédio para a febre tremedeira, antes não tinha nada [...]. Melhorou demais, eles [americanos] é que trouxeram isso tudo pra cá. (Etelvina, 86 anos, entrevista realizada em abril de 2008 *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 05).

Ao se responsabilizarem pelas construções de rodovias em curso na região e também ao financiarem a construção do SESP, os americanos passaram a ser encarados como símbolos de

¹ Mestrando (UDESC). eltongamboa@hotmail.com.



progresso e modernidade. Eles iniciaram o processo de dolarização na cidade, seja no pagamento dos serviços prestados, seja no recebimento de gorjetas aos favores prestados, passando “a idéia de opulência e fartura do local de onde vinham os americanos. Findo o ciclo econômico da mica, fica no imaginário popular a visão dos EUA como *Eldorado*” (SIQUEIRA, 2006, p. 61).

Tudo foi em 1964. Eu era bancário, constituí a primeira turma de emigrantes valadarenses. A idéia surgiu através de um amigo, que fazia curso de inglês comigo. Pensávamos em ir para conhecer e não para trabalhar. Este meu amigo (...), em 1964, depois da Revolução, foi a Belo Horizonte visitou o consulado e recebeu a seguinte informação: era fácil ir, passagem custava seiscentos dólares (não sei se era ida e volta) éramos tão bobos que não sei se fomos lesados. Tínhamos que apresentar um mil dólares e todos os documentos pessoais. Não havia problema para emigrar e contamos esta idéia para mais dois amigos que deram a entrada nos papéis juntos. Mas meu amigo, que tinha situação financeira melhor, (pai empresário, dono da primeira fábrica de macarrão da cidade, grifo da autora) foi primeiro. Ele também era bancário e foi o primeiro a pisar em solo americano. (Emigrante II *apud* ASSIS, 2002, p. 46).

Desde a década de 1960 então, os moradores de Governador Valadares cruzaram fronteiras de todos os tipos. Planejaram, trabalharam, retornaram, investiram, re-emigraram, etc. Durante este tempo as mulheres também se aventuraram em busca de melhores condições de vida, pois homens e mulheres migraram não por questões de sobrevivência ou perseguições religiosas como os imigrantes que chegaram ao Brasil no final do século XIX e início do XX, por exemplo, mas sim com o objetivo de manter ou melhorar seus padrões de vida, no caso das mulheres geralmente, tal melhora está ligada à preocupação com o futuro do(s) filho(s). Já no final da década de 1960 migraram as primeiras mulheres valadarenses para os EUA, eram jovens, na faixa etária de 20 a 30 anos, tinham em média 8 anos de escolaridade e foram motivadas, tal como os homens, pelo desejo de conhecer um país rico e de grandes oportunidades, mesmo percorrendo uma trajetória distinta das mulheres de sua época, que era permanecer enquanto os homens emigravam. Emigração era coisa de homem e não de mulher. (ASSIS & SIQUEIRA, ...)

A realidade é essa, eu, cheguei do Rio em 56, nunca ninguém perguntou: ‘Ah é? E como é que é a sua vida?’ Ninguém queria saber de onde eu era. Mas, o cara chegava dos Estados Unidos sentava no bar, ali na Broadway (barzinho da cidade que já chamava brodney), e contava assim: - ‘Ah, eu peguei o subway’, o cara perguntava: ‘Subway?’ Ele dizia: ‘É, metrô’. ‘Como é que é?’ ‘Eu posso pega ele?’ Aí, o sujeito pedia: ‘traz o uísque aí’...[e os causos rolavam]. Aí a simbologia foi criada. E você sabe que quem ia eram os rapazes, não iam mulheres, depois é que a coisa ficou tão escancaradamente boa que qualquer um ia cara de 60, 40, 20 anos” (Historiador III *apud* Assis, 2002, p. 47).

Quanto mais a coisa vai ficando “escancaradamente boa”, mas a presença das mulheres vai se fazendo notar no fluxo que parte de Governador Valadares para os EUA, embora ainda neste período apenas 30% dos emigrantes fossem mulheres (MARGOLIS, 1994). Nas décadas posteriores este número foi aumentando e hoje o percentual de emigrantes homens e mulheres é equivalente.



SIQUEIRA (2006) em pesquisa realizada na região de Boston e Framingham, encontrou em 2004 um percentual ligeiramente maior de mulheres, (51,1%) contra (48,9%) de homens.

Este aumento no número de mulheres está associado ao amadurecimento das redes sociais, iniciadas lá na década de 1960 e que elas ajudaram a criar e sustentar, e com o fato de elas se apoiarem mais nas redes de parentesco. Segundo pesquisa realizada em Governador Valadares em 1997, (22,6%) delas indicaram como principal motivo da sua migração a reunificação familiar (ir ao encontro de pais, cônjuges, filhos, etc) contra apenas (3,2%) no caso dos homens. A mesma pesquisa indica que (65,1%) delas conheciam parentes no lugar de destino nos EUA, contra (50,5%) no caso dos homens. Assim como, (44,6%) delas contou com o apoio financeiro da família, enquanto no caso masculino, (37,3%) o fizeram (FUSCO, 2001). Esses dados nos revelam em primeiro lugar a importância conferida às redes sociais no fluxo que parte de Governador Valadares e em segundo lugar, que são as mulheres que melhor usam os recursos disponibilizados pelas mesmas. Demonstra-nos também que o projeto migratório é coletivo, sendo que o planejamento de tal projeto é conjunto e faz parte das estratégias familiares para melhorar suas condições de vida.

Os dados anteriores podem estar associados às circunstâncias da realização das pesquisas, mas de qualquer forma já apontam para uma crescente participação feminina nos fluxos migratórios contemporâneos. Tal processo é chamado por BILAC (1994 *apud* ASSIS, 2002, 147) de “feminização” dos deslocamentos populacionais e está associado às “novas formas de produzir” no “novo” momento de acumulação capitalista emergente da crise dos anos 70. É por isso que, e tentando acentuar a importância das mulheres nestes novos fluxos, MOROKVASIC (1984) afirma que “os pássaros de passagem também são mulheres”. Autoras como PESSAR (1999), BOYD (1989), ASSIS (2004) analisando estudos clássicos de emigração a partir de uma perspectiva feminista destacaram que tais estudos encobriram, muitas vezes, a participação ativa das mulheres nos fluxos migratórios que tanto no passado como no presente eram *gender blind* (gênero cego, ou seja, para o qual não há visibilidade).

As mulheres sempre estiveram presentes nos fluxos migratórios que envolvem o Brasil embora a importância dos papéis conferidos a elas sempre ficassem em segundo plano, em detrimento do “migrante” do sexo masculino, geralmente visto como o responsável pela constituição dos fluxos, os “pioneiros”, ou mesmo pelo desenvolvimento das “colônias”. Wolff (1991 *apud* ASSIS, 2002, p. 147) em estudo sobre emigração alemã para Blumenau (SC) demonstrou que o contingente feminino neste fluxo foi bastante expressivo (quase metade do total de imigrantes) e que “tais mulheres, tinham formação diferenciada, lares e trabalhos específicos



que eram vivenciados juntamente com os homens e contribuíram para o sucesso econômico das colônias embora não apareçam como os pioneiros alemães”.

As mulheres valadarenses emigraram em menor quantidade no início da formação deste fluxo é verdade, mas isso não significa que o papel desempenhado por elas seja menos importante do que os dos homens, ao contrário, essa primeira e tímida participação serviu para encorajar outras mulheres que já na década de 1980 emigraram massivamente, sozinhas, com aspirações próprias, na aventura de “fazer a América” (o que significa trabalhar e juntar dinheiro para comprar uma casa, um carro ou montar um negócio), em busca de seus sonhos, desejos e na esperança de melhorar as condições de vida de seus pais, filhos e das suas próprias. É por este motivo que as valadarenses migram, trabalham arduamente, sentem a ausência dos seus próximos, repensam seus papéis de esposas, filhas e mães. Dessa forma, ao analisar a participação das mulheres neste fluxo não falamos apenas das “mulheres” em si, mas das diferentes, complexas e modificadoras relações que estas estabelecem com seus cônjuges e familiares. Falamos portanto, de relações de gênero, entendidas como “a organização social das relações entre os sexos” (SCOTT, 1990 *apud* ASSIS, 2002) e que inclui as relações estabelecidas no âmbito familiar.

Limpar, sentir, viver e mudar são verbos que fazem parte da experiência emigratória de muitas mulheres valadarenses e seguindo a trajetória de algumas delas percebemos que na busca da realização de seus sonhos, elas teceram redes próprias e ajudaram, tal como os homens, no crescimento econômico, social e cultural da cidade de Governador Valadares.

A Experiência da Emigração

A experiência das mulheres valadarenses começa com a possibilidade de fazer parte ou de ser incluída em uma das redes sociais formadas em Governador Valadares. É através delas que se consegue apoio moral e financeiro; que se obtém as informações necessárias para migrar com documentos verdadeiros, falsos ou ainda clandestinamente através da fronteira mexicana, por exemplo; que se consegue hospedagem, alimentação e trabalho quando se chega ao destino. A maioria delas conta com o apoio da família no planejamento e execução do projeto migratório, outras com amigos ou conhecidos.

Na época eu conheci um visinho que estava indo mas eu não tinha parente nenhum lá, então pelo fato de eu estar em uma situação na qual eu não tinha saída, “poxa eu vou sobreviver agora sozinha, cuidando de uma filha, é complicado” daí surgiu do nada, sinceramente, eu fiquei sabendo que ele ia e perguntei se podia ir junto com ele porque eu não tinha conhecimento. (Pilar², 43 anos, migrou em 1994, Governador Valadares 06/02/2010)

² Todos os nomes apresentados neste artigo são fictícios, apenas as pessoas que são publicamente identificadas foram apresentadas com seus nomes verdadeiros.



Porque, foi logo no começo, logo no começo que o pessoal começou a falar em EUA, duas pessoas já tinham ido, mas eu fui em oitenta e sete. O pai da Luani (filha, grifo meu), vários amigos começaram a ir, telefonando de lá, tava bom e tudo e tal, que tinha oportunidade, de trabalho, comprar casa, e aqui não, a oportunidade é muito pouca né? Aí ele falou assim: vamo casar e vamo embora? (Luci, 41 anos, migrou em 1987, Governador Valadares, 05/05/2007)

Eu tenho uma amiga que ela tem um visto e o pai e a mãe dela moram lá. Ai fomos conversando, conversando, daí ela 'Dóra tenta'. 'Não, não tem nem condição, não tenho ninguém pra mim ficar lá'. Ela ligou pra mãe Flórida na mesma hora e pediu pra mãe dela se eu podia ficar lá, até eu conseguir pagar minhas dívidas. Como tem 20 anos que a mãe dela está lá, tem tipo uma agência de emprego lá, ela falou 'pode vim, você fica aqui até pagar a dívida, mora um ano, dois anos, você pode ficar aqui sem ter gastos. E ela tinha uma garagem que podia fazer um quarto separado pra mim e que depois eu pagava um aluguel pra ela se conseguisse. (Dóra, 31 anos, migrou em 2005, Governador Valadares, 02/05/2007)

Algumas delas, corajosamente, “jogam tudo para cima” na expectativa de garantir um futuro melhor ou conseguir em menos tempo um maior conforto para suas famílias. Há aquelas que deixam os filhos sobre o cuidado dos pais; outras largam bons empregos, ou pelo menos empregos estáveis; e ainda há mulheres solteiras que não vendo expectativa de futuro profissional na cidade migram tentando juntar recursos para posteriormente estudar ou gerar uma renda que posteriormente as permitam fazer isso.

A minha vida não era ruim não, eu trabalhava num escritório de contabilidade, era casada, tinha uma vida normal! O salário dava pra sobreviver legal, eu era uma pessoa que morava de aluguel, mas vivia razoavelmente bem, numa classe média mas sem ter uma casa (...). Mas eu não tinha uma casa e tava separando, o meu sonho era ter uma casa, daí eu pensei assim, “gente como é que eu vou conseguir uma casa assim, sozinha?” Se nós estávamos em dois trabalhando pra comprar uma casa e não conseguíamos como é que eu ia conseguir sozinha? Então a minha preocupação era ter uma casa pra dar um futuro melhor pra minha filha. Eu já tinha uma filha, ela tinha três anos, ficou com os meus pais durante os três anos que eu fiquei lá. (...) Eu fui pra BH e desci em Nova York mesmo. Aí uma pessoa fui me buscar, buscar o rapaz, era a cunhada dele (...). Primeiro eles me receberam na casa deles porque nós éramos conhecidos daqui porque ela já foi minha vizinha, mas eu fiquei na casa dela somente umas duas semanas (...) Aí ela conseguiu outro lugar pra mim morar, eu até fiz amizade com a menina, então sempre tinha brasileiro que gostava de ajudar os outros mas é como eu te falei, depende de cada um pra dar sorte e isso eu consegui, morei três anos com ela, ela era de uma cidadezinha, de Sobrália, ela esta até aqui hoje, veio primeiro do que eu, ta estabilizada, por isso que eu falo que a pessoa abre a mente, ela chegou e fez faculdade de Letras, ta dando aula, e isso é muito bom. (Pilar, 43 anos, migrou em 1994, Governador Valadares, 06/02/2010)

Através dos depoimentos percebemos em primeiro lugar que a migração de algumas mulheres faz parte de uma estratégia familiar, fazendo do projeto migratório uma construção coletiva efetivada no seio da família. Em segundo lugar, que fazer parte das redes sociais formadas na cidade é crucial para aquelas que querem migrar, pois são estas redes que ligam pontos específicos na origem e no destino e apóiam as emigrantes nessa trajetória, sobretudo no fluxo que parte de Governador Valadares para os EUA cuja migração é “fortemente baseada numa organização social que apóia e sustenta” (FUSCO, 2001). Para MASSEY (1987, *apud* FUSCO, 2001), “a migração internacional é um processo social organizado através de redes forjadas diariamente pelas conexões interpessoais que caracterizam todos os grupos humanos”.



Essas redes podem ser caracterizadas como redes religiosas, amorosas, de parentesco, de tráfico de pessoas, etc, e talvez, o aspecto que mais fortemente caracteriza o núcleo destas redes sociais, que esteve presente nos seus processos de formação e que as mantém ainda hoje, seja a questão da “confiança” depositada naqueles que fazem parte de tais círculos. Isso explica em certa medida o funcionamento contínuo das redes de tráfico de pessoas por exemplo. Quando uma valadarense decide migrar, uma das primeiras coisas que se leva em consideração é a segurança da viagem que tem de ser feita até o ponto de destino, principalmente quando se emigra por vias ilegais.

Nós namorávamos! Aí, nós casamos, ele foi na frente e depois, eu fui com o meu pai. Fui com visto. O meu pai me levou, porque eu era muito nova e tudo, ele falou ‘não eu vou porque fico com medo dela ir e não se adaptar em outro país!’ Aí o meu pai me levou. (Luci, 41 anos, migrou em 1987, Governador Valadares, 05/05/2007)

Eles entram (mexicanos, *grifo meu*) na casa e dá aquela mexida assim com a gente. Só que a gente ficava num quarto jogando baralho, aí eles mandavam os homens sair (homens migrantes, *grifo meu*) quando eles chegavam e sentavam tudo a nossa volta e daí começavam a perguntar quem tinha namorado e quem não tinha, e começavam com gracinha. ‘Quer ficar aqui?’ ‘Não quer tomar um banho melhor não?’ ‘Não quer dormir hoje melhor não?’ Se a gente ficasse com ele a gente comia, a gente tudo (Dóra, 31 anos, migrou em 2005, Governador Valadares, 02/05/2007).

Dóra é uma jovem de 30 anos, professora primária, que migrou para os Estados Unidos em 2005 (com 27 anos), antes de começar a ser pedido o visto pelo México à brasileiros. Ela, assim como outras valadarenses, tinha seu projeto migratório, seu desejo maior era pagar a dívida da faculdade particular em que estudava para retirar seu diploma universitário. Sua empreitada migratória não foi bem sucedida e foi deportada poucos minutos depois de chegar ao solo americano. Sua história é similar a de tantas outras migrantes que cruzam (ou tentam cruzar) a fronteira do México com os Estados Unidos. Ela conta que durante sua estada no México, os coiotes em troca de favores, dormiam com mulheres migrantes, essas mulheres “recebiam o direito” de tomar banho quente, ganhar shampoo, ou poder dormir deitadas em camas (pois na situação narrada por Luiza fica evidenciado que não havia cama para dormir e sim cadeiras).

A migração de longa distância vincula-se a muitos riscos e incertezas (segurança pessoal, conforto, renda, etc), por tanto não é incomum que os migrantes sigam seus amigos, parentes, conhecidos, cônjuges, etc, que já estão estabelecidos no país de destino, pois esta confiança nas redes de informações interpessoais, minimizam e espalham os riscos. Este movimento reproduz e estendem as redes, especialmente para aqueles que ao migrarem, adquirem a possibilidade e a “obrigação” (já que neste caso há uma expectativa de reciprocidade) de fornecer ajuda a outros migrantes potenciais. Mas ele revela também, que nesta trajetória, os migrantes deixam de



considerar outros destinos teoricamente disponíveis e se remetem para os lugares que já possuem conexões com o lugar de origem. Desta maneira e com o tempo, tais movimentos vão transplantando grandes segmentos das redes existentes, do país de origem para o país de destino, modificando a estrutura das redes em processo, o que acaba ocorrendo também quando do retorno do migrante, que busca, ao voltar, estabelecer-se também na cidade de onde saiu, seja por motivos de ordem sentimental, seja por outros motivos³, facilitando, na mesma linha, migrações posteriores. É por este motivo que podemos dizer que as redes migram (TILLY, 1990).

Quando então chegam ao lugar de destino, a principal preocupação das emigrantes é conseguir um trabalho que lhes propicie “fazer a América”, ou tornar bem sucedido o seu projeto migratório. E mais uma vez as redes sociais são acionadas pois as mulheres se apóiam fortemente nas informações fornecidas por amigos mas principalmente por parentes. Segundo SASSEN (1995 *apud* FUSCO, 2001) as redes sociais criam reservas de mão-de-obra para ocupações específicas, restringem a mobilidade ocupacional, distribuem informações sobre vagas de emprego e influenciam no comportamento do migrante e do mercado de diversas formas.

O principal motivo foi ter uma seguridade pra mim aqui no Brasil, porque infelizmente aqui no Brasil, não no Brasil, aqui na minha cidade que é muito comercial e não dá oportunidade de você expandir se não tiver um curso superior, se não for uma pessoa que tem condições de arrumar uma coisa melhor e na minha época eu não tinha essas condições (...) Na verdade, uma pessoa falando com a outra, “ah, chegou uma brasileira e ta precisando de trabalhando”, então os brasileiros se comunicavam e eu lembro que a gente fazia a aplicação que era tipo currículo e levava nos lugares, mas infelizmente naquela época, como até hoje eu acho que existe lá também a gente fazia *social security* pra trabalhar, não vamos mentir aqui, (risos) e os brasileiros todos já sabiam quem fazia essa documentação, eu fiz com duas semanas porque tinha que ter este documento pra trabalhar, mesmo falso, tinha o *green card* também, eu até já destruí isso, eu falei “não quero mais nada falso na minha vida” (risos). (...) Querendo ou não a gente trabalha melhor do que os americanos, a gente limpa uma casa muito melhor, limpa um hotel muito melhor, arruma a cama, tudo muito melhor, então eles valorizam isso e isso que eu acho importante nos EUA, eu nunca tive esse ato de discriminação no trabalho, eles sempre valorizam isso na gente, pode ter pessoas que já tiveram mas eu nunca tive, era elogiada até demais, já trabalhei em asilo, em hotel, limpando casa pra americano e eu consegui as casas, nunca comprei *schudeler* como as pessoas compram, não. Eu trabalhava num restaurante e as pessoas que eu comunicava, os americanos, porque eu aprendi inglês assim, inglês de índio mas eu falava, e assim eu falava que fazia outros trabalhos e ganhava as casas pra limpar. (Pilar, 43 anos, migrou em 1994, Governador Valadares, 06/02/2010)

Aqui eu trabalhava num escritório de contabilidade e lá, eu cheguei e fui trabalhar numa lavanderia. Super quente, serviço pesado! Trabalhando e tal, aí como eu era a mais nova da turma, desenvolvi um pouquinho mais o inglês, daí me passaram pra receber as roupas, etiquetar, colocar, os nomes né, das pessoas, saber quantas roupas chegavam, aí fui prum servicinho um pouquinho mais leve, daí depois saí da lavanderia e comecei a fazer faxina, limpeza de casa, que dava um dinheiro melhor lá. Eu trabalhei em lavanderia três anos, depois quando eu parti pra fazer faxina aí nunca mais parei. (Luci, 41 anos, migrou em 1987, Governador Valadares, 05/05/2007)

³ No retorno muitos migrantes decidem investir o dinheiro que ganharam nos EUA na cidade de origem, o que muitas vezes é feito para simbolizar o novo status social adquirido, como também para demonstrar o sucesso do projeto migratório.



Assim como Pilar e Luci, a maioria das emigrantes contam com o apoio de outros membros da rede da qual fazem parte para conseguir adentrar o mercado de trabalho nos EUA. O fluxo migratório do qual elas partem é caracterizado como “migração de trabalhadores” já que (80%) dos emigrantes valadarenses admitem ser o fator econômico o principal estímulo individual para migrar (FUSCO, 2001), no entanto, os postos de trabalhos a serem ocupados por eles se restringem a uma pequena gama de ocupações em função do direcionamento das redes sociais, portanto, das informações que circulam acerca de oportunidades de trabalho, e que são as de menor status, ou seja, fazem os serviços que “os americanos não querem ou não sabem fazer direito”. Nos EUA em geral, os imigrantes ocupam o chamado mercado de trabalho secundário, caracterizado por baixos salários, precárias condições de trabalho, pouca segurança e alta rotatividade em contraposição ao primário que se caracteriza por estabilidade no trabalho, altos salários e possibilidades de ascensão hierárquica (PIORE e DOERINGER, 1971 *apud* FUSCO, 2001).

As valadarenses, portanto, se inserem no mercado de trabalho secundário que em geral é destinado a mulheres, adolescentes e imigrantes pois exige pouca qualificação e conhecimento da língua. Segundo FUSCO (2001) daquelas que possuem alguma ocupação remunerada nos EUA (43%) estão na condição de empregadas domésticas ou de faxineiras, (5,0%) trabalham como *baby sitter* e (50,7%) se distribuem entre outras diversas atividades. Os homens se concentram mais no trabalho de restaurantes como garçons, ajudantes e lavadores de pratos (23,9%) e na construção civil (12,7%).

As imigrantes valadarenses vêm na faxina ou no serviço doméstico de forma geral uma boa oportunidade de realizarem seus objetivos pois é um serviço que apesar do baixo status garante um bom retorno financeiro e certa autonomia, tornando-se um “negócio”. Uma faxina custa em média 50 dólares e dura aproximadamente duas horas em cada casa, o que permite que várias casas sejam limpas em um único dia de trabalho. Para se organizarem e gerarem bons dividendos, as valadarenses criam os chamados *schudeler* que consiste em uma agenda estruturada que distribui as casas ao longo dos dias da semana e pode conter casas semanais, quinzenais ou mensais. Devido á lucratividade gerada pelos serviços, muitos homens largam seus trabalhos e ajudam as mulheres na organização e na feitura das faxinas, sendo que elas são a boss, a chefe, e determinam o que deve e o que não deve ser feito. Em geral os homens fazem os serviços mais pesados como passar o aspirador de pó, trocar a roupa de cama e colocar as roupas para lavar na máquina, as mulheres por sua vez limpam os banheiros, a cozinha e passam o pano na casa. Segundo os depoimentos o trabalho doméstico realizado por elas é “muito bem visto” pelos americanos, mais do que os



prestados por imigrantes de outras nacionalidades, o que permitiu que se criasse um nicho de trabalho para as emigrantes brasileiras (MARTES, 2000; ASSIS, 2004).

Para MARTES (2000) as faxinas são conseguidas através da venda do *schudeler* o que permitiu a ela questionar a “solidariedade étnica” implícito nas redes sociais. ASSIS (2004) acredita que é importante matizar que solidariedade e competição são parte das relações nos grupos imigrantes que são acionadas em diferentes momentos e contextos ao longo do processo migratório, lembrando que a reciprocidade continua existindo já que há um ganho substancial para quem compra o ponto como a confiança dos futuros patrões, o serviço nas casas e a possibilidade de ter o seu próprio “negócio”. Desta forma a faxina é dividida, negociada, doada, disputada e um trabalho que é carregado de atributos femininos no Brasil, mistura os papéis de gênero e redefine as posições de homens e mulheres quando trabalham em conjunto.

Considerações Finais

As redes sociais no processo migratório contribuem para questionar a imagem da migração como produto de um cálculo racional e individual, ressaltando a importância particularmente das redes de parentesco, amizade e origem comum neste processo. Através destas redes familiares podemos mapear como se (re) constroem relações familiares e de gênero no contexto da migração. Neste ínterim as mulheres se utilizam mais das redes de parentesco para conseguir moradia e trabalho e os homens tendem a utilizar mais as redes de amizade e origem comum. Os migrantes brasileiros, em sua maioria, são indocumentados e se inserem num mercado de trabalho segmentado etnicamente e por gênero, geralmente as mulheres concentram-se na faxina doméstica e os homens na construção civil. A faxina doméstica transformou-se num nicho de mercado étnico para as emigrantes brasileiras contribuindo para o “empoderamento” das mesmas. Os homens trabalham na construção civil, em sua maioria, ou em restaurantes, mas sentem mais do que as mulheres uma perda de status em relação às posições de gênero que vivenciavam no Brasil. Um exemplo é, quando trabalham no ramo da faxina, em geral tendo as esposas como chefe, reavaliando o chamado “trabalho de casa”. Por outro lado, algumas mulheres acabam se tornando “empreendedoras”, ou aquelas que ficam, com a ausência do marido, passam a assumir atividades que antes eram exercidas por ele. A conclusão final é a de que a experiência migratória, muitas vezes possibilitada pelas redes familiares, além de fazer circular masculinidades e feminilidades também faz repensar as relações familiares entre os agentes envolvidos.

Referências Bibliográficas



ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros.** Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2004.

_____. **Estar aqui, estar lá...:** uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. TEXTOS NEPO. Campinas, junho de 2002.

ASSIS, Gláucia de Oliveira e SIQUEIRA, Sueli. **As mulheres na formação das redes de emigração.** Simpósio temático: Os paradoxos das migrações internacionais: suas dimensões étnicas, de classe e de gênero.

FRANCISCO, Elton. **Emigração e Globalização:** processos, estratégias e interatividades visíveis na cidade de Governador Valadares (MG) (1980-2007). 2008. Trabalho de Conclusão de Curso em História - UDESC, Florianópolis.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração entre Governador Valadares e os Estados Unidos.** In: Migrações internacionais: Contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.

MARGOLIS, Maxine. **Little Brazil:** imigrantes brasileiros em Nova York. Campinas: Papirus, 1994.

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos:** um estudo sobre imigrantes em Massachusetts. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MOROKVASIC, Mirjana. **Birds of Passage are also Women.** International Migration Review, v. 18, n. 4, 1984. p. 886-907.

SIQUEIRA, Sueli. **Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares:** sonhos e frustrações no retorno. 2006. Tese de doutorado em Sociologia – UFMG, Belo Horizonte.

_____. **Emigração: retorno e mobilidade social.** 32º Encontro Anual da ANPOCS. GT 25- Migrações Internacionais. Caxambu, 2008.

TILLY, Charles. **Transplanted networks.** In: Yans-McLaughlin, Virginia, Immigration Reconsidered, NY, Oxford, Oxford University Press, 1990, p.79-95.